

capítulo 5

FORMAR-SE PROFESSOR COM AMOR, FESTA E DEVOÇÃO

Daniela Franco Carvalho¹

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho²

Introdução

Há vários anos conduzimos disciplinas de estágio em ciências e biologia na Universidade Federal de Uberlândia. Nesses percursos, temos nos deparado com inúmeros questionamentos dos estudantes em relação à formação docente. Questionamentos estes que vem também se transformado ao longo do tempo, o que reflete a importância das mudanças que ocorreram nas políticas e incentivos para com a formação de professores no Brasil³ nos últimos anos. Estas mudanças provocam uma troca, um “toma lá, da cá”: Encontramos o licenciando com mais bagagem, com uma entrada maior na escola, participando de projetos e programas de incentivo à licenciatura e os recebemos com mais afeto. Porque estamos também com mais bagagem e incentivadas pelos mesmos projetos e programas.

A cada semestre optamos por, antes de iniciar o estágio observação e o estágio regência, compartilhar com os futuros professores o significado para eles da ação pedagógica na escola. E fora dela. De maneiras diferentes, cada grupo de alunos externaliza suas angústias e o que mais permeia as discussões é o desejo de ser professor. Muitos não querem essa profissão. Outros querem. E outros, ainda, têm medo de querer. O afeto vai se estabelecendo e criando vínculos entre nós: professoras

¹ Doutora em Educação pela UNICAMP; Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, danielafcj@gmail.com

² Doutora em Educação pela UNICAMP; Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, lestevinho@gmail.com

³ Dentre os vários Programas de incentivo à formação inicial de professores, no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, destacamos: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE); Prodência e Novos Talentos.

coordenadoras do estágio, licenciandos, professores da educação básica e os estudantes que nos recebem ávidos por algo diferente a cada semestre. Provocamos movimentos e somos provocadas.

O desejo de ser ou não professor se mistura à necessidade formal de cumprir o estágio supervisionado para garantir a titulação como licenciado. A complexidade de estar envolto com a escola, com a sala de aula, com os alunos em um momento intenso da vida universitária acaba por mobilizar olhares distintos para essa formação docente.

O que fica ecoando em nós, como orientadoras dessas disciplinas, a partir das vivências nos estágios supervisionados de ciências e biologia e por todos projetos e programas sobre formação docente que nos envolvem é que as construções formativas da docência perpassam por querereres, em descolamentos de lugares-comuns que ainda habitam o ideário de grande parte dos licenciandos. As tentativas de rompimento com jargões tão comuns como a de que é necessário ter dom para ser professor e de que os estudos teóricos não tem valia, se alinhavam a argumentações profundas no campo da educação e da profissionalização docente, pois somente ao se fraturar essas concepções frágeis sobre a prática pedagógica é possível trazer a tona a responsabilidade da docência e da formação para essa ação.

Diante da imensidão de alusões formativas, temos nos deixado atravessar por sensibilizações acerca de sentidos envolvidos nos processos de tornar-se professor na contemporaneidade. Em trabalhos anteriores⁴ já discutimos como a escola moderna ainda se apresenta forte na escola atual, por isso a dificuldade dos professores em formação inicial em entender esta escola e as infinitas ideias de infância e adolescência que a permeiam. Assim como entender que ser professor é uma construção diária, que a heteronomia dos estudantes deu lugar à autonomia. Por isso não é possível mais olhar para trás para se formar docente. É preciso olhar para a frente! O espelho se quebrou! É preciso trabalhar com a ideia de ruptura e localizar as brechas para preenchê-las e causar mais rupturas.

Inspiradas em uma apresentação de Maria Bethânia, que relembro sua mãe Dona Canô, disse: *“Amor, festa, devoção. Ensinos dela para o bem viver”*, passamos a criar narrativas voláteis que se tornam contrapontos e, ao mesmo tempo, alavancas para pensarmos a formação inicial de professores de ciências e biologia em multiplicidades.

⁴ GUIDO (2008; 2009)

Assim, trazemos composições acerca do amor, da festa e da devoção na formação docente, tendo como aliança teórica os escritos de Mikhail Bakhtin.

Amor

ondejazzmeucoracao
Liberdade

22h



“*Quem procura acha amor*” é um lambe produzido pela artista de rua Ryane Leão⁵. Provocamos nossos estagiários a pensar o que estamos procurando na escola, nas aulas, nos cinquenta minutos entre a lousa, o giz e o livro didático. Procuras por nós mesmos enquanto seres inacabados, em incompletudes? Amores achados em múltiplas formas no cotidiano: em afetos, gentilezas, cuidados, respeito?

Em Bakhtin, compreendemos o conceito de alteridade, da necessidade do outro para nos completar, uma vez que o outro tem de nós um excedente de visão.

“Ele tem, portanto, uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele. Este ‘acontecimento’ nos mostra a nossa incompletude, e constitui o outro como o único lugar possível de uma completude sempre impossível. Olhamo-nos com os olhos do outro, mas regressamos sempre a nós mesmos e a nossa incompletude (GERALDI, 2007, p. 44)”.

Para construir laços de afeto há que se pensar que a formação é coletiva, que ela depende do outro. Da possibilidade de construir laços. Que nos prendem em movimento.

Para Bakhtin,

é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente (GEGE, 2009, p.13-14).

O conceito Bakhtiniano de alteridade⁶ tem como centralidade de que o outro é ponto de partida para nós mesmos nos constituirmos como sujeitos, numa relação inevitável e permanente com o outro. Nesse cenário, o professor em formação fica

⁵ @ondejazzmeucoracao

⁶ Esse conceito pode ser encontrado em Bakhtin (2011).

permeável a inúmeros olhares outros que o vão informando sobre ele mesmo, em afetamentos de mão dupla, uma vez que o outro que olha, também é olhado.

Tessituras de laços de afeto nas turmas de estágio, quando os olhares e os enunciados dos colegas, também em processo de formação, contribuem para uma compreensão de si mesmo. É ver-se no outro, é formar-se de fora para dentro. Aqui o espelho funciona, pois o outro, por vezes cabe em mim, por vezes fica faltando espaço e ainda, muitas vezes, o outro aperta em mim o que eu sinto. Em atravessamentos.

O amor multifacetado em diversas nomenclaturas que se materializa no sujeito em ação docente, em relação com o outro, para um outro, a quem dedica o seu ato, entendido aqui como ato responsável (BAKHTIN, 2010). Vislumbrar a formação docente como uma ação amorosa é revolucionário, pois demanda compreender o outro como fundamental para a nossa própria constituição. E numa outra dimensão, o quanto isso é grandioso enquanto vivência humana e o quanto somos responsáveis por essas vivências em estreita relação com um outro, diferente de nós mesmos, mas ao mesmo tempo imprescindível para que sejamos o que somos.

Para Bakhtin (2010, p. 44), estamos nesse mundo sem alibi. Todas as nossas ações e pensamentos são nossos e temos responsabilidade plena por eles. Não podemos responsabilizar um outro, ou algo, ou uma situação pelas nossas ações. “Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu, que compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto”.

Tudo que pode ser feito por uma pessoa não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. E assim, temos a responsabilidade de ocupar um lugar singular e irrepetível do nosso existir, que é único (BAKHTIN, 2010).

Responsabilidade com a nossa própria existência e com os nossos atos no existir. Então pensamos a formação docente um ato responsável, e portanto, amoroso, uma vez que tudo que fazemos é responsabilidade conosco e com os outros, infinitamente. Em intermédios.

*Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.
(Mário de Sá-Carneiro⁷)*

⁷ Poeta português

Festa

Vivenciar a docência com olhar de festa.

Colorido.

Em deleite por se estar lá com as outras pessoas.

Em encontros.

Em comemorações diárias.

Em desaniversários.



*Humpty Dumpty para Alice, contando sobre a gravata:
“Deram-me... como presente de desaniversário”.
“Perdão?” Alice perguntou, perplexa.
“Não estou ofendido”, disse Humpty Dumpty.
“Quero dizer, o que é um presente de desaniversário?”
“Um presente dado quando não é seu aniversário, é claro”.*

Diálogo entre Alice e Humpty Dumpty em *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (CARROLL, 2013, p. 176).

Comemorar cada dia na sala de aula, na docência, como uma nova oportunidade.

De recriar-se.

Olhar o próprio processo formativo com entusiasmo.

Com vontade de ir além.

Enxergando a docência como meio.

Como algo que se envolve na própria vida.

Em vibração.

Encher-se de alegria compreendendo a complexidade do fazer docente, mas buscando brechas por entre os desafios profissionais.

Despertando sorrisos nos outros e em si próprio.

Por meio do riso e da visão carnavalesca do mundo, Bakhtin (2008) afirma que a seriedade é destruída e a consciência, o pensamento e a imaginação humana ficam disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Dessa forma, a carnavalização da consciência precede e prepara as grandes transformações na sociedade. Isso porque *“o riso impede que o sério se fixe e isole da integridade inacabada da existência cotidiana”* (BAKHTIN, 2008, p. 105).

O carnaval na concepção de Bakhtin é o *locus* privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico e fazem explodir a alteridade, o excêntrico, o lado

marginal, o periférico, o excludente mesmo. Representa, portanto, a liberdade, o extravasamento de um mundo às avessas. Opõe-se ao sério, ao medo, ao dogmático, diluindo, no conjunto, os ritos, os mitos, as máscaras. É a oposição de valores por um curto período. É a festa popular. Onde tudo é possível e aceitável (RIBETTO, 2008, p.3).

Para Bakhtin (2008), as festas populares permitem a liberação temporal de regras, valores, tabus e hierarquias.

É possível imaginar a escola em processos de carnavalização? Em liberdade criativa e em acolhimento de múltiplas propostas? Em alegria? Em festa?

Nossas experiências nos estágios supervisionados mostram que sim. Ao se desejar trilhar por caminhos formativos na perspectiva da festividade, temos encontrado junto com os licenciandos, possibilidades de transformação do cotidiano da sala de aula.

Pequenas fissuras em concretos de não.

Doses ínfimas de realidades comoventes onde o afeto e o envolvimento com o outro trazem satisfação pelo estar junto.

Ciências e biológicas dispersas em conceitos que se deslocam em sentidos para alunos e futuros professores pensarem culturas... poesias... brincadeiras... imagens...

Midiáticas e imediatas aulas:

Aulas-abraços.

Aulas-fogos de artifício.

Aulas-luz estroboscópica.

Aulas-bala de goma.

Aulas-surpresas.

E que seja tida por nós como falsa
toda verdade que não acolheu nenhuma gargalhada (Zaratustra⁸)

Devoção

No latim: *devotio*. No sentido de se dedicar a algo. Partindo-se do pressuposto de que a docência não é dom, ela tem que ser conquistada. Dia a dia.

Para formar-se, para se desprender do chão, é preciso compartilhar o que se faz e vivenciar experiências com outros.

Em estudos.

Em compreensões.

⁸ NIETZSCHE (2002).

Em ampliação de olhares.

Para Pimenta (2002), o docente deve ser abordado na sua tripla relação com o saber: como sujeito que domina saberes, que transforma esses mesmos saberes e ao mesmo tempo precisa manter a dimensão ética desses saberes. O saber docente não é formado somente da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Assim, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.

O professor não é sujeito isolado e sim um sujeito que se constitui como ser humano num ambiente coletivo, onde a cultura e as relações sociais determinam sua visão de mundo, sua compreensão da realidade e seu fazer docente. Somente se fortalecendo politicamente e socialmente, através de uma argumentação crítica sobre a realidade com o envolvimento de seus pares, o professor será autônomo para compreender a ação docente de forma global, levando em consideração as dimensões econômicas, políticas, históricas e sociais, e para propor de forma consciente mudanças nessa realidade.

Nesse sentido, a prática docente está imbrincada no estudo teórico, na dedicação à compreensão das inúmeras mazelas que assolam a educação e dos discursos veiculados pela mídia que repetidamente buscam culpabilizar o professor, historicamente e de forma categórica, pelos problemas educacionais que o país tem enfrentado. Senão por meio de massiva argumentação contrária a esse senso comum alienante da baixa qualidade técnica de nossos professores, como poderemos reverter um quadro catastrófico no qual o professor é responsabilizado diariamente pelos insucessos nos sentidos escolares?

Estamos sempre em tentativa na formação docente. Porque ela se faz com o outro. Com os outros. Então não pode ser regulada. É como atirar aviõezinhos de papel. Sempre uma tentativa.

Por ser tentativa, é sempre um recomeçar-se. Um recomeço a cada aula. A cada aviõezinho que cai, independente do lugar: se certo ou errado; outro será levantado e alçará vôo.

Alinhavando...

*Somos os propositores.
Somos o molde;
a você cabe o sopro, no interior desse molde:
O sentido de nossa existência.
Somo os propositores:
Nossa proposição é o diálogo.
Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. [...]*
(Lygia Clark)

Inspiradas em Lygia Clark entendemos a formação docente como processo, como mola propulsora, geradora de autonomia, alicerce de liberdade.

Propositora.

Provocadora.

E, nesse sentido, provocar é sempre arriscar.

É se permitir arriscar para alçar voos.

E para voar é preciso ser livre, é preciso ter asas, é preciso ter vento.

O vento deve vir de nós que pretendemos formar professores.

É preciso estar em liberdade, e, ao mesmo tempo, contar com auxílios, orientações. Os primeiros voos sempre tem instrutores.

As autoras Maria Celeste Martins e Giza Picosque (2102) dialogam com Lygia Clark na proposição do professor como mediador entre a arte e o aprendiz. Como elas, também entendemos que como professores formadores de professores somos propositores, preparamos professores/mediadores seja para a arte, seja para a ciência, para a biologia, e este processo se dá na abertura para/com o outro. O que não significa que o saber da profissão não seja importante, ele é fundamental, mas é necessário muito mais que o saber biológico para alcançar o aprender, o ensinar ciências e biologia.

O saber e as informações que professores possuem, valem muito, certamente. Mas, do mesmo modo, é importante a disponibilidade para o encontro com o outro, com a abertura e a sensibilidade para abrir brechas de acesso ao seu pensar/sentir, levando-o a tecer diálogos internos que possam gerar ampliações, inquietações e novas relações (MARTINS E PICOSQUE, 2012, p.15).

Assim entendemos a formação inicial de professores de ciências e biologia, formação atravessada pelo outro, pela liberdade para criar.

É preciso fazer com que o licenciando crie seu próprio “pé de vento”. Feito a casa da gente, a escola tem que estar dentro da gente.

Como na música de Arnaldo Antunes: “*A nossa casa é aonde a gente está*”. E para estar, é preciso acreditar, sentir, respirar.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. A cultura popular na Idade Média e no renascimento. 7ª Edição. São Paulo: Editora HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 325.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. 2ª Edição. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 158.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 6ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 476.
- CARROLL, Lewis. Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas; & Através do Espelho; tradução Maria Luiza Borges. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 387.
- GERALDI, João Wanderley. A diferença identifi ca. A desigualdade deforma. Percursos Bakhtinianos de construção ética e estética. In: *Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin/Maria Teresa Freitas, Solange Jobim e Souza, Sonia Kramer (orgs.)*, 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2007, p. 111.
- GEGE. Grupo de Estudo dos Gêneros do Discurso. Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009, p. 112.
- GUIDO, Lucia Estevinho . A Escola vista pelo cinema: ruptura e continuidade. In: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008. Trajetórias e processos de ensinar: lugares, memórias e culturas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 1-13.
- GUIDO, Lucia Estevinho . O contexto escolar na narrativa cinematográfica: a disciplina e o comportamento. In: Sandra Escovedo Selles, Marcia Serra Ferreira; Marco Antonio Barzano; Elenita Pinheiro de Queiroz e Silva. (Org.). Ensino de Biologia: história, saberes e práticas formativas. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 195-215.
- MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Nova Cultural, 2002, p.336.
- PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 264.

RIBETTO, Anelice. Algumas anotações sobre o Riso e o risível na Educação e o pensamento de Mikhail Bakhtin sobre cultura popular. *Revista Partes*, 2008, p. 1-7.

PARA CITAR ESSE TEXTO:

CARVALHO, Daniela Franco; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Formar-se professor com amor, festa e devoção. In: Váldina Gonçalves da Costa. (Org.). **Teorizando a prática e praticando a teoria na formação de professores**. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2019, v. único, p. 123-132.